

O contar como narrativa das leituras feitas: “Meu avô sabe contar muita história porque ele lia muito”¹

Adriana Hoffmann Fernandes²

Resumo

Este texto traz alguns dos resultados de uma tese desenvolvida por intermédio de pesquisa qualitativa de cunho etnográfico realizada em quatro campos de pesquisa: um espaço cultural, uma escola pública, uma particular e um *blog*. Os sujeitos da pesquisa foram crianças de sete a onze anos que participaram de oficinas de troca e produção de narrativas nesses campos; de coleta de *posts* no *blog*; e de entrevistas posteriores. O estudo justifica-se pela importância de entendimento do contexto vivido pelas crianças em sua relação com as narrativas e com os modos de narrar da atualidade. O “contar como narrativa das leituras feitas” foi um dos aspectos que sobressairam na pesquisa, e esta análise dialoga com Walter Benjamin, em seus conceitos de narrativa e experiência, buscando perceber como se constituem as narrativas e as experiências das crianças em diferentes momentos do contar histórias nos campos pesquisados.

Palavras-chave

Narrativas; leitura; infância.

Abstract

The presented study brings part of the results of the Doctoral research and it justifies itself by the importance of understanding the context lived by the children in their relation with narratives and the contemporary ways of narrating. The Thesis of which originated the present article was developed through a qualitative ethnographic

research with children from 7 to 11 years old in various fields: a cultural space, two schools (a public and a private one) and a blog, being developed in about 8 workshops of narrative exchange and production, including also the posts collected from blog and subsequent interviews with some of the children who participated in the workshops. The dimension of the “storytelling as reading narratives that are made” was one of the aspects that excelled in the research, and to do such analysis, I dialogue with Walter Benjamin and his narrative and experience concepts, seeking to realize how the narratives and experiences of the children are constituted in the different moments of the storytelling in these researched fields.

Keywords

Narratives; reading; childhood.

Introdução

O estudo apresenta um recorte dos resultados de uma tese de doutorado (FERNANDES, 2009) e justifica-se pela importância do entendimento do contexto da criança na atualidade, contexto cada vez mais fluido, mutável, e que precisa ser olhado com cuidado por aqueles que se preocupam com a formação das novas gerações. Como Benjamin (1985a), que ajuda a discernir que as novas formas de percepção se expressam num *sensorium* diferente em razão da

1 Este trabalho foi apresentado em abril de 2010, no XV Congresso Nacional de Didática e Prática de Ensino, como parte do painel intitulado “Como e o que leem as crianças”, coordenado pela autora deste texto e que incluiu a apresentação de mais duas pesquisas (UFF e UFRJ) propostas e coordenadas pelas próprias autoras, e recebeu o apoio do Capes no ano de sua finalização.

2 Professora-adjunta no Departamento de Didática e no Mestrado em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio). E-mail: hoffadri@yahoo.com.br

técnica, das novas tecnologias, precisamos pensar que a relação cada vez maior das crianças com as produções da atualidade pode também modificar seus modos de produção cultural.

Retomando a noção de que as narrativas são a expressão do que se vive na cultura e revelam também, de algum modo, a experiência que temos com essa cultura, perguntei-me, na tese, que histórias estão sendo vividas pelas crianças que expressam, de alguma forma, a sua experiência de narrar no mundo atual. Entendo a narrativa pelas diferentes formas de as crianças contarem histórias, relatando também um pouco de como se constituem nesse contexto. Trago, neste artigo, em especial, uma recorrência surgida na fala das crianças: o contar como narrativa das leituras feitas. Para dialogar com tais falas, remeto-me a Walter Benjamin, especialmente quando esse autor reflete sobre o conceito de narrador e de experiência.

A concepção de infância que me guiou neste estudo implicou no entendimento de que as crianças que dele participaram são coautoras, sujeitos que negociam, compartilham e criam culturas. No momento atual, em que a revolução tecnológica vem ocasionando mudanças nas maneiras de as pessoas relacionarem-se cotidianamente com o conhecimento e a cultura, causando perplexidade e insegurança nas gerações mais velhas, é quase um imperativo desenvolver pesquisas *com* crianças e não *sobre* crianças.

Em coerência com a abordagem teórico-metodológica, o estudo foi desenvolvido por intermédio de uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, em oficinas de troca e produção de narrativas, coleta de *posts* em *blogs* e entrevistas. As oficinas foram propostas em ambientes diferentes – num espaço cultural e em escolas (uma pública e uma particular) – para que fosse possível perceber, de forma mais ampla, a relação das crianças de sete a onze anos com as narrativas.

A história como um “contar de algo que aconteceu”

Para mim uma história é qualquer coisa que aconteceu e está sendo contada. Pode ser real ou não, pode ser divertida, dramática, triste, policial etc. Pode ser legal ou até chata. (Tom, Bloguinho,³ grifo da autora).

Uma história são diversas palavras que contam algum acontecimento ou a imaginação de alguma pessoa... fazendo estas coisas que não existem... contos de fadas... Mas tem algumas que aconteceram mesmo! (Victor, escola particular, grifo da autora).

É assim quando acontece alguma coisa... e passa um tempo aí os outros falam para mim aí parece uma história... Tipo um livro assim... (Guilherme, escola pública, grifo da autora).

História é quando você conta uma coisa que aconteceu... Ou aconteceu realmente ou você está inventando... (Luiza, espaço cultural, grifo da autora).

Essas falas são de crianças participantes da pesquisa e mostram como aparece nas falas das crianças de diferentes campos pesquisados a ideia de que “história é uma coisa que aconteceu” e que “alguém conta”. Além disso, associada a essa concepção vem a ideia de que as coisas contadas podem ser coisas reais, “que aconteceram mesmo”, ou inventadas, “da imaginação de alguma pessoa”... A noção de história apresentada pelas crianças supõe a ação de um narrador, de alguém que conta o que aconteceu.

O título deste artigo apresenta a fala de um dos participantes da pesquisa, que associa o contar histórias ao ler. O que representa esse contar história, de que várias crianças falam? Uma de suas formas de manifestação, de acordo com o que as crianças expressaram, é o gostar de entrar em contato com histórias por meio do ouvir contar por outro, como aponta Benjamin (1994), em seu conceito da narrativa tradicional.

Tal autor aponta que a narrativa tradicional ocorre na troca de experiências, nessa passagem da experiência de uma pessoa para outra. Segundo ele, os narradores constituíram-se por dois estilos de vida: o camponês sedentário e o marinheiro comerciante. O primeiro, por viver há muito tempo em sua terra, conhecia-a bem e sabia contar suas histórias e tradições; o segundo, por viajar muito e conhecer diferentes lugares, tinha sempre muito o que contar dos povos e dos lugares visitados. Para Benjamin, a narrativa só pode ser compreendida, se levarmos em conta a interpenetração desses dois tipos de narradores e o fato de ela estar relacionada ao espaço e ao tempo do contar e do viver. Uma das características dos narradores tradicionais

3 Blog do jornal *O Globo* escrito por crianças.

é o senso prático. Narrador é aquele que, ao contar, sabe dar conselho, sendo essa uma das formas de comunicar ao outro sua experiência. Benjamin considera que o narrador retira da sua experiência o que narra. A narrativa é, então, um recontar, um passar adiante a experiência vivida por meio das histórias contadas oralmente.

No entanto, com a chegada da imprensa, surgiu o romance – nova forma de contar histórias, que tem na escrita a modificação da forma de narrar usada na oralidade, pois já traz, a partir da impressão do texto, novas características: sua difusão está restrita aos que dominam a leitura e a escrita; e, em vez de pautar-se numa transmissão coletiva e oral, ocorre de forma individual. Além disso, o romance não fala mais de forma exemplar sobre as preocupações do narrador, nem dá conselhos ao leitor. Para Benjamin, o romance e, mais tarde, a informação veiculada nos jornais não trazem esse caráter vivo da experiência do contador, expressa principalmente pelo conselho, já que não dialogam com a experiência do ouvinte, não possibilitando uma troca no momento da narração das histórias. O narrador é um homem que sabe dar conselhos, e os conselhos, segundo o filósofo, perdem-se nesse novo contexto.

Benjamin reflete que o romance, fortalecido pela técnica da imprensa, prende a história nas páginas do livro, definindo seu final, diversamente da narrativa, que deixa o final em aberto. O romance tem fim: quando as páginas do livro terminam, a história acaba, obrigando o leitor a refletir sobre o sentido da vida. São ideias que permanecem idênticas à forma como foram escritas. Já a narrativa, na concepção de Benjamin, é como os contos de Sherazade: permite sempre a sua continuidade numa outra história, que não envelhece nem se distancia do ouvinte.

Quem seria o narrador hoje? Considerando que a narrativa na atualidade – depois de todas as mudanças históricas vividas – não acontece apenas de forma oral e já traz a dimensão da escrita, da imagem e das várias formas de narrar que foram sendo incorporadas ao nosso contar hoje, quem seria esse narrador?

Na pesquisa em questão, as crianças falam das histórias contadas por pessoas da família (avós, pais, tios) que trazem essa dimensão da narrativa tradicional apontada por Benjamin: um contar na coletividade que, em família, de alguma forma, perpetua as histórias conhecidas.

A maneira que eu prefiro [de entrar em contato com histórias] é ouvindo. Pois é o modo que eu acho que podemos obter mais detalhes (podemos perguntar a pessoa que está nos contando). (Gabrielle, Bloguinho)

O contar das leituras feitas

No contexto do contar histórias apresentado pelas crianças, um aspecto observado é que essa narrativa, que se ancora na oralidade, nem sempre aponta que as histórias contadas se referem a situações vividas pelo contador em sua experiência, mas apoia-se em situações ou histórias lidas por eles. É o que denominamos, neste artigo, “contar das leituras feitas”. A ideia de experiência, nesse caso, parece estar associada ao conhecimento “dos que leram mais” e que passam adiante sua experiência de leitura, como nos mostra Renan (escola pública):

Pesquisadora: E você gosta de brincar de quê?

Renan: De carrinho. Carrinho, casa e de vez em quando brinco de contar histórias pro meu irmão menor, aí meu primo vai pra lá, a gente fica brincando de história.

Pesquisadora: Ah! É? E que tipo de história você conta pro seu irmão?

Renan: Ah! As historinhas todas que eu vou aprendendo, que eu escuto, que eu leio, eu vou e conto pra ele.

Pesquisadora: E ele gosta de ouvir?

Renan: Gosta, eu conto uma, aí meu primo conta uma.

Pesquisadora: Fica um contando história pro outro? São quantos que ficam contando história um para o outro?

Renan: São três. Eu, o meu primo e meu irmão.

Isso nos faz pensar que a chegada do romance (aqui expressa como a chegada do livro, da imprensa), como aponta Benjamin, pode não ter encerrado as histórias nas páginas dos livros, mas pode ter trazido outra forma de difusão inicial dessas histórias que, saindo das páginas dos livros, podem chegar a muitos outros leitores, ser recontadas e passadas adiante, assim como fazem Renan e seus parentes. Nesse processo de “recontar” a história lida no livro ou ouvida pela leitura de outro, está embutida a compreensão que o leitor/ouvinte teve da leitura a partir de seu contexto e de sua expe-

riência. Tal aspecto perpetua – de alguma forma – a dimensão da experiência do contador de que fala Benjamin, e traz, em seu modo de difusão, marcas de seu tempo histórico, existindo agora dentro de um contexto em que a cultura escrita não pode mais ser desconsiderada como parte da experiência dos sujeitos que a ela têm acesso.

Dessa forma, considero que o narrador tradicional – calcado na transmissão das histórias de sua experiência apenas pela oralidade – já não existe mais de forma isolada nas sociedades que têm na cultura escrita seu elo de comunicação. As histórias não deixam de ser narradas e recontadas, mas ocorrem em outras bases, nas quais a oralidade já não é mais o eixo principal que fundamenta as relações e os recontos das histórias. Este diálogo com as crianças (espaço cultural) dá-nos a dimensão dessa situação:

Pesquisadora: De todas as maneiras de entrar em contato com histórias que vocês falaram – “Ah, na escola que a gente aprende, no filme, na internet também, em livro, a mãe que lê, né?” – tudo isso, qual dessas maneiras vocês mais gostam... de conhecer uma história?

Helena: Eu gosto de quando algum parente conta para mim. Meu avô sabe contar muita história porque ele lia muito e sabe bastante história que eu não sabia. Ele conta um monte de história, aí eu fico sabendo histórias “desde sempre”.

Pesquisadora: É esse o jeito que você mais gosta?

Luiza: Eu também gosto. Porque os meus parentes, meu pai e minha mãe, quando eles eram bem adolescentes assim, eles já eram namorados. Eles matavam aula só para poder ir pra esse Centro de Cultura pra ir em biblioteca pra ler livro, tinha vezes que eles gastavam a maior parte do tempo lá. Aí eles me contam as histórias que eles liam. Muitas vezes eu pergunto para eles como que era o passado deles, o que eles gostavam de fazer, o tipo de música.

Pesquisadora: Então eles têm muita coisa pra contar?

Luiza: É. Mas cada dia eu pergunto sobre uma coisa se não eu fico muito enrolada.

Interessante perceber como o contar relatado pelas crianças aparece, na fala de Helena e Luiza, atrelado ao livro. O avô de Helena sabe muitas histórias porque “lia muito”, a mãe e o pai de Luiza também, porque “iam na biblioteca ler”... No entanto,

mesmo associando esse saber contar histórias à leitura de livros, uma das crianças – Luiza – também fala que os pais contam histórias sobre o passado deles. Assim, esse contar histórias aparece associado tanto à experiência da leitura do livro como à oralidade ancorada na experiência vivida. Talvez nos remeta a um contar híbrido, apontando que hoje são muitas as formas de contar que se misturam.

Histórias – contando e explicando... – a dimensão de troca presente no contar

Guilherme, Julie e Renan (escola pública) falam sobre o ler e o contar como a melhor forma de conhecer ou entrar em contato com uma história:

Pesquisadora: Tem muitas maneiras da gente entrar em contato com histórias, não tem?

Guilherme: Tem.

Pesquisadora: Você lembra algumas dessas maneiras?

Guilherme: É... ler alguma coisa. Ler um livro...

Pesquisadora: Ler um livro, mais o quê?

Guilherme: É... contar para os outros, inventar.

Pesquisadora: Que forma vocês acham mais legal pra conhecer uma história?

Renan: É... ouvir, pra depois a gente ter uma noção, pra gente poder usar a nossa imaginação pra gente criar uma história.

Julie: Eu acho que é ouvir contando porque é maneiro, que ele vai dizendo, aí a gente vai imaginando...

Renan: E é melhor ouvir os outros porque às vezes os outros podem gostar das nossas coisas, pelo menos a gente sabe que... os outros contando a gente sabe que a gente vai gostar, que é uma coisa diferente, que é uma coisa que a gente não faz aqui no colégio.

Julie: Por exemplo, se eu pegar um livro e ler... e eu não tô entendendo, aí [com os outros contando] eu vou ficar entendendo. Quando uma pessoa contar eu vou entender.

Pesquisadora: Entendi. Então você acha melhor contando?

Julie: É, e também explicando.

Essa fala de Julie, que, muitas vezes, lê uma história e não entende, mas afirma que “quando uma pessoa contar, eu vou entender”, mostra que esse “contar” de que ela fala supõe uma interlocução com o contador. O contador é o que conta e também vai “explicando”, segundo ela. Pela fala das crianças, não há diferença entre “ler” e “contar”, sendo este, muitas vezes, associado à leitura feita por outro, com esse diálogo que permite a ampliação da leitura e do entendimento. Busatto (2007) considera que o contar histórias pode servir de ponte para ligar e recuperar significados que tornam as pessoas mais humanas, integras, solidárias, tolerantes e capazes de “estar com”.

Por meio das questões “O que é contar uma história? O que é contar a história?”, Gagnebin (2007) discute para que serve esse contar e ajuda-me a entender esse interesse das crianças pelas histórias. Por que a necessidade de contar? Por que o gosto de ouvir contar do avô ou de algum parente as histórias que não conhecem? A autora discute a importância da narração para a constituição do sujeito e ressalta que a sua importância sempre foi reconhecida como a da rememoração, retomada pela palavra salvadora. O lembrar do parente, do avô, salva essa história “para sempre”. Gagnebin comenta que, para Platão, todo o processo de formação do sujeito remetia à atividade da reminiscência. Se podemos, assim, ler as histórias que a humanidade conta a si mesma como o fluxo constitutivo da memória e de sua identidade, nem por isso a narração deixa de ser atravessada pelo esquecimento que se inscreve no âmago da narração. É essa dupla trama da palavra no lembrar e no esquecer que, segundo Gagnebin, constitui o sujeito e configura-se na constituição da narração.

Busatto (2007), em seus estudos sobre o contar histórias hoje, reforça que a recordação é o ato de trazer para o coração o que estava na memória e fazer da memória uma relação com a narração original, no sentido daquela que se ouviu primeiro e que despertou o imaginário. Assim, quando se conta uma história, essa história narra-se por meio do contador. Ele se torna sua própria história. Nesse contexto, as crianças, quando contam as histórias trazidas por elas, são também espectadoras e leitoras da sua história. O avô de Helena, também, ao contar para a neta as histórias que viveu e leu e seus significados afetivos, recorda a experiência vivida naqueles momentos, levando a menina a também misturar-se à experiência contada.

Helena: Eu gosto... eu gosto de histórias do passado. Gosto de saber o que acontecia no passado.

Luiza: Depois que a gente aprendeu sobre a Praça da Liberdade, no passado ela era uma casa abandonada. Então... e eu estava curiosa. (Espaço cultural)

As histórias são uma ponte entre o passado e o presente, entre o indivíduo e a tradição. A memória, na época que Benjamin evoca para falar sobre a narrativa, era a capacidade épica por excelência, era o que impelia a narrativa. A lembrança instituiu a corrente da tradição que transmitia o acontecido de geração a geração, como uma rede. Uma rede na qual todas as histórias (experiências) se interligavam, complementavam-se, emendando uma na outra, como os narradores orientais gostavam de mostrar. Essa dimensão narrativa, no entender de Benjamin (1994), está profundamente atrelada à experiência compartilhada entre gerações na troca que se instituiu pelo contar histórias pela oralidade. Hoje, sabemos que o contar de que falam as crianças já não tem mais essa dimensão, pois a experiência da geração de ontem já é diferente da experiência da geração de hoje. No entanto, trago para a reflexão a pergunta que Benjamin (1985b) faz em seu ensaio “Experiência e pobreza”: qual o valor de todo o patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?

Em seu texto “Histórias da infância distante”, a autora Girardello (2008) lembra-nos da cena da avó na cadeira de balanço, contando histórias aos netos, o que hoje não é mais tão comum... No entanto, essa cena do contar também se presentifica em situações como essas em que Helena e Luiza ouvem o que os adultos contam de sua infância, de sua juventude, enfim, de um tempo outro não vivido por elas. A expressão do ficar sabendo de histórias “desde sempre”, como diz Helena, dá ideia de um contar infinito, que não se sabe quando começou e, muito menos, quando terminará.

Contar histórias, seja lá como for, já parece tradição. Afinal, como dizia há quase cem anos o poeta e pedagogo russo, Korney Chukovsky, citado por Girardello, tendemos a contar às nossas crianças as histórias, poemas e cantigas que mais nos tocaram quando nós próprios éramos crianças. Parece que “desde sempre” as contamos. A autora ressalta que tais histórias, que ficaram na memória a ponto de serem passadas adiante, são somente aquelas que

tenham algo de especial, engenhoso ou profundo. “Como numa corrida de revezamento, a criança de uma geração recebe uma tocha e atravessa a vida carregando-a acesa na profundidade da memória para entregá-la à criança que espera ansiosa na próxima curva do percurso.” (GIRARDELLO, 2008, p. 1).

Isso vale tanto para as histórias contadas das quais não participamos (como é o caso dos contos populares, das “histórias de livro”), quanto para aquelas que vivemos, como é o caso dos pais que contam casos da época em que namoravam. Será que o patrimônio cultural vivido pelos adultos e pelas crianças não mais se vincula à experiência passada nesse contar? “Acredito que não.” Vemos, pelas falas das crianças que trouxeram essa dimensão significativa do contar em sua vida, que o patrimônio dos adultos está sendo vinculado a elas pelo contar.

Esse “ouvir contar”, considerado uma coisa boa, como exposto por Renan, e o “contar explicando” referido por Julie, talvez sejam também uma forma de “estar com”, uma forma de “ajudar a olhar” para o que as crianças vivem, ouvem e leem, como no conto de Galeano:

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o sul.

Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:
– *Me ajuda a olhar!* (GALEANO, 2008, p. 15).

As crianças e seu contar de histórias

O contar história pode ser um ato social e coletivo que se materializa por meio da escuta afetiva e efetiva, conforme nos diz Busatto (2007). Essa escuta afetiva aparece muito num dos campos da pesquisa, a escola particular, em que sobressaiu entre as crianças o desejo de levar para a oficina histórias para ouvir e contar aos colegas. O fato de esse grupo de crianças já participar, na escola, de um

projeto que tinha em sua proposta contar, recontar e interpretar livremente as histórias pode ter sido algo decisivo para esse gosto pelo ouvir e pelo contar.

Reproduzo o relato de situações (escola particular) em que as alunas brigavam para contar ou ler as histórias trazidas para a oficina.

Clara: Posso contar a minha [história do livro]? É a história de três irmãos porcos... Um dia a mãe deles falou: “Não tenho mais dinheiro para pagar o aluguel... Então vocês vão ter que ir embora e fazer a própria casa de vocês...”. Aí eles foram e aí... cada um encontrou um espaço. O mais velho, primeiro, falou: “Eu não vou fazer de palha...”. E o outro falou: “Eu não vou fazer de palha e nem de madeira porque o lobo pode aparecer...”. Aí o lobo apareceu, comeu a casa de palha, correu e depois... Aí ele subiu, entrou na chaminé... Aí eles escutaram que ele estava subindo e colocaram água no caldeirão...

Pablo: E caiu no caldeirão de água quente!!

Clara: É isso... E caiu no caldeirão quando pulou na chaminé...

Luca: O lobo não conseguiu!!

Outro: Caiu no caldeirão de água... quente...

Clara: É... viram que o lobo tava subindo e botaram água no caldeirão...

Outro: Ele se queimou todo...

Clara: ... quando o lobo desceu se queimou todo...

Iago: ... e ele está gritando até hoje...

Arthur: Deixa eu ver...

Clara: Aqui... [mostrando a ilustração]

Iago: E... Ele queimou tanto que voou lá longe... Ele está no céu até hoje...

João: ... Fez um churrasco...

Pesquisadora: Será? Quem sabe os porquinhos fizeram um assado de lobo?

Pablo: Eu tenho uma história que eles fizeram um assado...

João Pedro: Eu sei de uma história que o lobo pede açúcar para os porquinhos...

Pelo que se percebe, mesmo a história contada por Clara sendo de um livro, a forma como a contou é a da oralidade e foi complementada e comentada pelos ouvintes a todo momento. Já na situação seguinte, Gabriela opta por contar a história lendo. O ler e o contar trazem dimensões diferentes relativas às histórias. Basta ver como cada uma das crianças inicia a história quando a conta ou quando a lê.

Pesquisadora: Agora quem continua?

Gabriela [começa a ler a história de seu livro]: Há muito tempo, não muito longe daqui, havia um reino muito engraçado. Todas as coisas eram separadas pelas cores branca, amarela, azul, vermelha e preta... Tudo o que era branco morava junto com os brancos... Todos os que eram brancos só moravam no canteiro de flores brancas...

Luca: É... todo branco ficava com branco, todo negro ficava com negro...

Outro: ... e os índios ficavam com os índios...

Arthur: E os favelados ficavam com os favelados...

Gabriela: Todas as cores brancas ficavam num só lugar. Todas as flores azuis ficavam num mesmo canteiro, não havia mistura... As flores brancas só visitavam o canteiro das flores brancas... No canteiro amarelo morava uma linda família de borboletas amarelas e ela já sabia voar...

Luca: Quem é classe média ficava com quem é classe média...

Pablo: Você também é classe média...

Gabriela: No bosque amarelo morava uma linda família de borboletas que tinha uma filha chamada Julieta... Toda vez que Julieta tentava sair do bosque das borboletas amarelas, sua mãe dizia: “Não, Julieta, cada borboleta no seu canteiro!”. Julieta ficava triste e chorava... Uma lágrima amarela de borboleta se congelava!!

Pablo: Argh!! Tudo amarelo!! Credo!!

Gabriela: No canteiro de miosótis morava uma família de borboletas azuis e tinham um filhinho que se chamava Romeu...

Iago: É por isso que se chama Romeu e Julieta...

Pesquisadora: Por que se chamava Romeu e Julieta, Iago?

Iago: É porque eles vão se casar... Ai vai se chamar Romeu e Julieta!!

Gabriela: Não vão se casar!!

Durante a leitura feita por uma das crianças, as demais sempre traziam seus comentários, fazendo inferências, deduções, relações com outras histórias e leituras, ampliando o sentido da própria história lida... Talvez seja esse tipo de diálogo a que Julie se referia em sua fala sobre o “contar explicando”. É também assim que as crianças vão passando adiante, entre seus pares e entre os adultos, a experiência do patrimônio cultural que as constitui como narradoras.

Assim, de tanto contarem as suas histórias e trazerem, a cada oficina, sempre novos livros para serem lidos ou contados, demonstravam ter um repertório de histórias conhecidas que ia se amplian-

do e lhes permitia circular pelas histórias com liberdade e num ambiente de diálogo e inter-relação entre histórias e personagens.

Girardello (1998, p. 208) revela em sua tese aspectos que ajudam a entender o contexto de produção narrativa demonstrado pelas crianças desta pesquisa. A autora afirma que as crianças contam histórias, seguindo o exemplo dos adultos à sua volta.

A título de comparação, podemos observar o que acontece no estudo clássico de Applebee, que analisou histórias contadas por crianças de Connecticut, EUA, na década de [19]50, que estavam acostumadas a ouvir histórias lidas em voz alta. Quando solicitadas a “contar uma história”, elas tendiam a recontar clássicos da literatura infantil como Hansel e Gretel. Nota-se a influência do contexto na produção narrativa da criança: estas famílias pertenciam a uma forte tradição literária escrita.

O contar e o recontar adquirem sentidos diversos para cada grupo, em cada contexto, e apontam a importância desse momento de ouvir, refletir e compartilhar as histórias que vão sendo conhecidas por eles, ampliando, cada vez mais, as possibilidades de diálogo sobre as histórias e favorecendo a criação narrativa das crianças.

Conclusões

Hoje é preciso olhar com cuidado para a relação das crianças com os produtos culturais a fim de chegar a conclusões a respeito da mentalidade que está sendo construída por elas em suas relações com as histórias nos diferentes suportes da atualidade. Tal entendimento ajuda a perceber como o processo educativo participa da construção de suas experiências narrativas. Esta pesquisa aponta o forte papel da família e da escola como um espaço de convívio e troca de narrativas entre as crianças, em especial nesse aspecto do “contar das leituras feitas”.

O que presenciamos nesta análise aponta que a ordem da experiência mudou. Mudou também a forma de narrá-la. Se a narrativa (que deixa de ser apenas oral) pode apoiar-se também nas leituras feitas pelo narrador, entende-se que se possa narrar a experiência que se viveu com uma leitura. O impresso, nessa perspectiva, não nos impediu de narrar, mas trouxe narrativas que ocorrem de outra forma, apresentando como

dimensão da experiência vivida também a experiência lida. Dessa maneira, a leitura pode constituir uma experiência, como é também apontado por Kramer (2001, p. 15), quando, ao dialogar com os ensaios de Walter Benjamin em sua pesquisa que traz a distinção estabelecida pelo autor entre vivência e experiência, ajuda a entender a forma como as crianças desta pesquisa estão vivendo a experiência hoje:

[...] a distinção que Benjamin estabelece entre vivência (reação a choques) e experiência (vivido que é pensado, narrado): na vivência, a ação se esgota no momento de sua realização (por isso é finita); na experiência, a ação é contada a um outro, compartilhada, tornando-se infinita. Esse caráter histórico, de permanência, de ir além do tempo vivido, tornando-se coletiva, constitui a experiência.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”. In: _____. *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985a.
- _____. “Experiência e pobreza”. In: _____. *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985b.
- _____. “O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov”. In: _____. *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BUSATTO, Cléo. *A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- FERNANDES, Adriana Hoffmann. *Infância e cultura: o que narram as crianças na contemporaneidade?*. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- GAGNEBIN, JeanneMarie. *História e narração em Walter Benjamin*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Perspectiva, 2007.
- GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- GIRARDELLO, Gilka. *Televisão e imaginação infantil: histórias da Costa da Lagoa*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- _____. A imaginação infantil e as histórias da TV. In: JORNADA DE DEBATES SOBRE MÍDIA E IMAGINÁRIO INFANTIL, 1., 1999, Florianópolis. *NET*, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://www.aurora.ufsc.br>>. Acesso em: set. 2002.
- _____. Histórias da infância distante. *Portal Cultura Infância*, [s.d.]. Disponível em: <http://www.culturainfancia.com.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&catid=100:artigos-e-teses&id=98:historias-da-infancia-distante&Itemid=56>. Acesso em: nov. 2008.
- KRAMER, Sonia. “Leitura e escrita como experiência – notas sobre seu papel na formação”. In: ZACCUR, E. (Org.). *A magia da linguagem*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A/SEPE, 2001.

Recebido em maio de 2010 e aceito em setembro de 2010.